



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS NATURAIS, HUMANAS E SOCIAIS
CIÊNCIAS NATURAIS E MATEMÁTICA – FÍSICA

**VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA REALIDADE ENFRENTADA POR
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO MUNICÍPIO DE SINOP-
MT**

MARCOS VELÉRIO FERREIRA ALENCAR

SINOP - MT

2017



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DE SINOP
INSTITUTO DE CIÊNCIAS NATURAIS, HUMANAS E SOCIAIS
CIÊNCIAS NATURAIS E MATEMÁTICA – FÍSICA

**VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA REALIDADE ENFRENTADA POR
PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA DO MUNICÍPIO DE SINOP-
MT**

Marcos Velério Ferreira Alencar

Monografia apresentada à componente curricular Monografia II, como requisito parcial à conclusão do Curso de Licenciatura em Ciências Naturais e Matemática – Física.

SINOP - MT

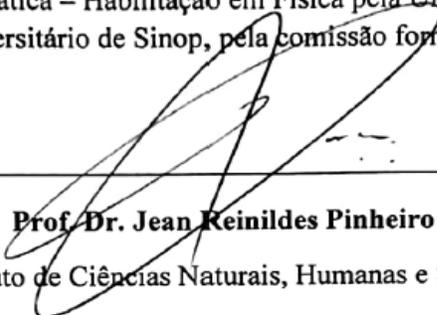
2017

Orientador: Prof. Dr. Jean Reinildes Pinheiro
Instituto de Ciências Naturais, Humanas e Sociais
UFMT – Campus Sinop

Marcos Velério Ferreira Alencar

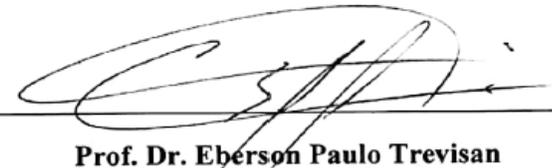
**VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS: UMA REALIDADE ENFRENTADA POR PROFESSORES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA DO MUNICÍPIO DE SINOP-MT**

Monografia aprovada como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Naturais e Matemática – Habilitação em Física pela Universidade Federal de Mato Grosso, Câmpus Universitário de Sinop, pela comissão formada pelos professores:



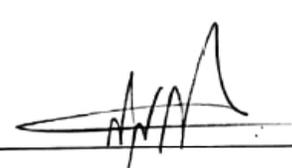
Prof. Dr. Jean Reinildes Pinheiro

Instituto de Ciências Naturais, Humanas e Sociais
UFMT – Câmpus Sinop
(Orientador)



Prof. Dr. Eberson Paulo Trevisan

Instituto de Ciências Naturais, Humanas e Sociais
UFMT – Câmpus Sinop
(Membro)



Prof. Dr. Mazílio Coronel Malavazi

Instituto de Ciências Naturais, Humanas e Sociais
UFMT – Câmpus Sinop
(Membro)

Sinop, 08 de Dezembro de 2017

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a minha esposa Cleonice e minha filha Tainá que sempre foram compreensivas com minha ausência devido a minha dedicação aos estudos, sempre me apoiaram, nos momentos difíceis estiveram do meu lado para que eu não desistisse.

Aos meus pais

Manoel Nascimento Alencar

Iracema Ferreira Alencar

Aos meus amigos

Jean Cleber

Ricardo Antonowiski

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me dado saúde para concluir essa etapa de minha vida. Agradeço a todos os meus colegas que de uma forma ou de outra estiveram do meu lado nessa caminhada, em especial meus amigos Ricardo Antonowiski e Jean Cleber. Não posso deixar de agradecer todos os professores da UFMT Sinop que tiveram paciência e sensibilidade para me ajudar nessa jornada, um agradecimento especial para o professor Doutor Jean Reinildes Pinheiros que aceitou ser o meu orientador. Agradeço aos meus pais pela educação e pelo apoio, sempre dizendo que era possível apesar de reconhecer as dificuldades. Agradeço a minha esposa Cleonice e minha filha Tainá por todo apoio que me deram, essas são as duas mulheres da minha vida que compartilharam todos os momentos dessa caminhada, vocês foram muito importante para o término desse projeto, muito obrigado a vocês, duas guerreiras que sempre estiveram do meu lado.

EPÍGRAFE

“Todo ponto de vista e a vista de um ponto”

Leonardo Boff

SUMÁRIO

1	Introdução	13
2	Revisão de literatura	14
2.1	Conceituando e descrevendo a violência nas escolas	14
2.2	Tipos de violência que ocorrem com mais frequência nas escolas	22
2.2.1	Agressões verbais	22
2.2.2	Ameaças	24
2.2.3	Agressão física	25
2.3	As consequências da violência escolar para a qualidade do trabalho do docente.	26
2.4	A violência contra professores, família e escola.	26
2.5	A quem deve recorrer o professor vítima de violências nas escolas?	28
3	Objetivos.....	30
3.1	Objetivo geral.....	30
3.2	Objetivo específico	30
4	Hipóteses	31
5	Justificativa	32
6	Caracterização do problema.....	33
7	Metodologia.....	34
8	Resultados e discussões	35
8.1	Você já ministrou aula em outra área que diverge da sua formação acadêmica?.....	35
8.2	Há quanto tempo leciona na educação básica?.....	35
8.3	Como você definiria a qualidade de ensino no brasil atualmente?	36
8.4	Como você definiria a qualidade de ensino no município de sinop?.....	36
8.5	Qual é o nível de aprendizagem dos seus alunos?	37
8.6	Os seus alunos acreditam que a educação (ensino) é importante para sua formação?.....	37
8.7	Os pais ou responsáveis participam (ou colaboram) para formação dos alunos?.....	38
8.8	Você acredita que a participação da família contribui para formação do aluno?	39
8.9	Na sua percepção, você acredita que os pais ou responsáveis transferem para o professor a educação de seus filhos?.....	39
8.10	Qual a percepção dos pais ou responsáveis quanto à importância do professor na formação dos seus filhos?	40
8.11	Você já sofreu algum tipo de violência na escola?.....	40
8.12	Por parte de qual membro da comunidade escolar foi esta violência?.....	41
8.13	Qual o tipo de violência sofrida?.....	41

8.14	Caso você tenha sofrido algum tipo de violência na escola, a quem você recorreu?	42
8.15	A escola em que você atua possui algum tipo de monitoramento?	42
8.16	Você conhece algum colega que já se afastou de suas atividades em virtude de violência na escola?42	
8.17	A quem você atribui à má qualidade de ensino nas escolas de educação básica?	43
8.18	Você acredita que a nossa legislação corrobora para a violência nas escolas?	44
9	Conclusão	45
10	Referências bibliográficas	47
11	Anexo	50

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - professores que sofreram violência por parte dos pais dos alunos

RESUMO

A violência é exposta todos os dias nos lares brasileiros através das mídias disponíveis, talvez de tanto vivenciarmos sobre o tema estamos nos tornando pessoas insensíveis. Esta característica pode corroborar para enxergarmos a violência como algo comum do cotidiano. Por mais que saibamos que a violência ocorre diariamente não podemos abandonar a ideia de viver em uma sociedade sem violência. Uma grave consequência do aumento desta, é que esse fenômeno rompeu as fronteiras das escolas, justamente aquela que tem como princípio formar os cidadãos, aos poucos os seus muros não são mais fronteiras capazes de repelir a violência. Quando se trata de violência escolar é necessário que apontemos os personagens que fazem parte dessa comunidade; pais, alunos e professores. O professor da educação básica é um profissional que lida com crianças e jovens, por tanto cidadãos que ainda não tem maioridade penal para responder pelos seus atos criminalmente, esse amparo que a lei disponibiliza para o jovem pode colaborar para um comportamento que não condiz ao ambiente escolar, neste sentido, este trabalho teve como objetivo analisar os tipos de violência sofridas por professores da rede pública de ensino do município de Sinop-MT. Para fazer esta análise, foi aplicado um questionário contendo perguntas objetivas e subjetivas a 15 professores que atuam na educação básica do Centro de Educacional de Jovens e Adultos (CEJA) – Benedito Santana da Silva Freire no município de Sinop-MT.

Palavras-chave: Violência, Escola, Professor.

ABSTRACT

Violence is exposed every day in Brazilian house through the available news, and maybe from experiencing so much about the subject we are becoming insensitive people. This characteristic can corroborate for us to see violence as something common in everyday life. Although we know that violence occurs daily we can not abandon an idea of living in a society without violence. A serious consequence of the increase in violence is that this phenomenon has broken off the boundaries of schools, just the one whose principle is to form citizens, gradually its walls are no more boundaries capable of repelling violence. When it comes to school violence it is necessary to point out the individuals who are part of the community; parents, students and teachers. The teacher of basic education is a professional who deals with children and young people, so citizens who don't have yet criminal majority to be responsible for their criminal acts, this protection that the law provides for the young people can cooperate to a behavior that doesn't corresponds to the school environment, in this sense, this study aimed to analyze the kinds of violence suffered by public school teachers in the city of Sinop-MT. In order to do this analysis, a questionnaire containing objective and subjective questions was applied to 15 teachers who work in basic education at the Educational Center for Youth and Adults (CEJA) - Benedito Santana da Silva Freire in the city of Sinop-MT.

Keywords: Violence, School, Teacher.

1 INTRODUÇÃO

A violência é um problema crescente na sociedade moderna, basta acessar qualquer mídia escrita ou falada que vamos encontrar diversas matérias jornalísticas mostrando a violência como parte do cotidiano em nosso país. Essa crescente violência geralmente envolve jovens em idade escolar, uma das preocupações é a violência se evidenciar nos ambientes escolares.

Durante o período de estágio, vivenciei alguns atos não civilizados contra o professor, desrespeitos e xingamentos, fiquei bastante assustado com esse cenário, pois nunca imaginei presenciar algo dessa natureza, esse foi o pano de fundo que motivou nossa pesquisa.

Na imprensa encontramos com certa facilidade matérias que aponta em seus textos a agressão contra professores em sala de aula, o professor é agredido no exercício da sua profissão, apenas por que o aluno não concorda com o método do professor ou simplesmente por que o professor não cede às exigências do aluno. Diante desse contexto fica evidente que o professor deixou de ser visto como uma liderança em sala de aula. É necessário observarmos a dificuldade que o professor tem para exercer a sua profissão, e é inadmissível que o professor tenha que aceitar desempenhar sua função em um ambiente com a iminente possibilidade de sofrer violência.

A violência tem diversas faces, nesta pesquisa vamos destinar nossas forças em analisar a violência sofrida apenas por professores, qualquer outra violência que aconteça na escola que não haja o envolvimento direto de professores será desprezada nessa pesquisa. Diante desse problema enfrentado pela sociedade, foi de grande importância realizar uma pesquisa junto ao corpo docente das escolas de educação básica da cidade de Sinop-MT, coletar dados e verificar se a violência tem ultrapassado os muros das escolas, um levantamento com esse propósito é necessário para que possamos entender esse fenômeno que tanto aflige a sociedade.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 CONCEITUANDO E DESCRREVENDO A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

A palavra violência é talvez uma das palavras mais ouvidas durante o nosso dia, pois os nossos meios de comunicação, sejam eles na televisão, rádio, internet e as mídias escritas exploram bastante essa temática. É de se pensar que um tema tão popular como violência seja simples de conceituar, mas não é, para ABROMOVAY (2006) parte-se da premissa de que a violência é uma construção social que se dá em meio a um conjunto de relações e interações entre os sujeitos. Alinha-se, dessa forma, com uma perspectiva ampla, devem ser considerados os significados atribuídos pelos atores que fazem parte do cotidiano da escola.

A revista VEJA trouxe uma matéria no dia 09 de maio de 2013 com o seguinte título “SP: QUASE METADE DOS PROFESSORES JÁ SOFREU ALGUMA AGRESSÃO NAS ESCOLAS” essa pesquisa coletou dados alarmantes, pois 44% dos 1400 professores ouvidos já sofreram algum tipo de violência, com destaque para violência verbal que representou 39% desse total, o restante ficou dividido entre assédio moral, bullying, agressão física, discriminação e furto.

O site de notícias G1 trouxe uma matéria no dia 15 de março de 2016, com o título “PROFESSOR AGREDIDO POR ESTUDANTE PREPARAVA SEMINÁRIO CONTRA VIOLÊNCIA” a matéria mostra que o professor foi agredido pelo simples fato de seguir uma norma de convivência na sala de aula que é a proibição do uso do aparelho celular durante as aulas, o professor além de ser ameaçado de morte sofreu agressão física, socos e pontapés.

O site Gazeta Digital, publicou uma matéria no dia 22 de março de 2013 que informava que uma aluna de 12 anos agrediu um professor da escola estadual Rosa dos Ventos. “A direção da escola estadual Rosa dos Ventos, no bairro Jardim Imperial, registrou um boletim de ocorrência, ontem, apontando que um professor, 31 anos, foi agredido por uma aluna, 12 anos. De acordo com o documento, o fato ocorreu dentro da sala de aula. O professor pediu que a aluna esperasse sua vez para ir tomar água. Mas, ela se recusou e acabou empurrando e agredindo o professor na frente dos outros alunos. O pai da menina foi avisado, por telefone. No entanto, não compareceu a escola alegando que estava no trabalho. O caso foi parar na delegacia da Polícia Civil. A menor foi ouvida e liberada em seguida”.

Para ORSON CAMARGO (2016), graduado em Sociologia e Política e também um dos colaboradores do site Brasil Escola “a violência se manifesta por meio da tirania, da

opressão e do abuso da força. Ocorre do constrangimento exercido sobre alguma pessoa para obrigá-la a fazer ou deixar de fazer um ato qualquer”.

O título do artigo de MENDES e TORRES (2006) são suficientes para gerar questionamentos sobre os rumos da educação: (A Vitimização de Professores e a “Alunocracia” na Educação Básica), se o título não for capaz de convencer o leitor da gravidade da violência em nossas escolas, às autoras trazem na primeira frase do resumo do artigo a seguinte informação, “a violência, especialmente na escola pública, faz parte do cotidiano”, uma informação que convida o leitor a conhecer a realidade de nossas escolas.

Diante de tantas notícias sobre violência que a sociedade escuta, lê e até mesmo presencia é de se pensar que aos poucos os atos que antes eram vistos como algo inaceitável em uma sociedade moderna passam a ser visto como algo simples do cotidiano. ABROMOVAY (2006) diz que ao mesmo tempo em que a violência, hoje, se torna espetacular, notícia, diversos atos se entranham pelo cotidiano, tomando a forma ora de conflito, ora de alterações que se acercam do fatal e que provocam dor, mas que se naturalizam em comportamentos e práticas sociais que muitas vezes passam despercebidos. E o mais complicado: o que um olhar estrangeiro não concebe como aflição, pode ser sentido como tal por quem é alvo de um determinado ato ou prática. Apesar de a violência chocar, muitas vezes, aqueles que a experimentam são cúmplices da sua banalização pelo fato de que ao sofrerem tanto e tantas vezes, passam a conviver com o horror, sem questionar a trama e sem hierarquizar o vivido e o testemunhado.

Hoje a nação tem um discurso de democracia que ecoa em quase todos os grupos, seja qual for sua ideologia. Diante dessa narrativa é de se pensar que vivemos em uma sociedade com poucos conflitos e com tolerância às diferentes formas de pensamento, porém muitos desses discursos não passam de meros sofismas como alerta MENDES E TORRES (2007). Embora em nenhum outro momento histórico tenha se amparado tanto a democratização, em nenhum outro período nos deparamos com tantas atitudes e comportamentos de violência nas escolas.

A violência, em especial enfoque na escola pública, faz parte do cotidiano. Antes relacionada ao entorno da instituição escolar, enquanto fatores externos a ela; em seguida, trazida para os meandros das relações sociais estabelecidas na escola; agora, a violência está presente, na relação pedagógica aluno-professore. Com essa mesma ótica sobre o comportamento da sociedade VALADAREZ E PEDRAL (2006), detalha que nunca se falou tanto na necessidade de pôr limites e nunca se praticou tão pouco. Perguntam sobre que

feitiço é esse que deixa pais e mães [e, por que não, professores e professoras] inertes diante de crianças e adolescentes tiranos que se identificam, subjetivamente, com ditadores mirins e juvenis, e que pode ser levado para diferentes etapas da vida e para distintos contextos de interações sociais.

A sociedade está em constantes transformações de tal forma que de tempo em tempos surgem novas necessidades que muitas das vezes trazem consigo novos conflitos que precisam ser analisados e se for o caso tipificado como violência, algo que não é simples de ser conceituado, conforme diz ABROMOVAY (2006), o entrelaçamento de atos e processos diversos, no plano de novas formas de conflitos, destacam cenários, tempos históricos, cotidianidades, mas também leva a insistir em um dos temas mais visitados pela literatura, e de maior dificuldade de definição, o conceito de violência. A violência não pode ser definida por uma análise simples, ABROMOVAY (2006) diz que a violência é um conceito que transita entre o metafórico, o simbólico, bem como entre definições legais que pedem exames de corpo de delito e provas materiais para configurar o que se entende por violência passível de punição.

Por mais difícil que seja conceituar o tema se faz necessário apresentar para a sociedade uma definição objetiva para que o convívio entre as pessoas seja o mais harmônico possível. ABROMOVAY (2006) mostra que apesar da complexidade que envolve o debate em torno da conceituação de violência existem elementos comuns sobre o tema que ajudam a delimitá-lo: a noção de coerção ou força e o dano que é produzido a um indivíduo ou grupo social (classe ou categoria social, gênero ou etnia), violação de direitos humanos e sentidos para os vitimados, sendo, portanto básico privilegiar no conceito de violência tanto princípios civilizatórios sobre direitos – já que muitas vezes os destituídos desses não têm condições objetivas ou parâmetros para se reconhecer como vítimas – quanto o percebido, o sentido, o assumido como sofrimento, dor ou dano. O “objetificado” nas violências tanto pode ser direitos materiais quanto culturais e simbólicos, sendo que a violência é um tipo de relação social.

É notório que os nossos meios de comunicação dedicam boa parte de seus programas de notícias para falarem de violência e expor os males e as tragédias da sociedade, porém os casos de violência contra o professor em tese são desprezados pela mídia, principalmente aquelas que têm o maior alcance de público, como alerta SANTOS et al (2006), as agressões verbais e físicas contra o professor está no cotidiano escolar e que, ainda que registradas em manchetes de jornais que vêm apresentando mais de um caso de violência escolar por semana,

tais notícias não têm sido veiculadas, concomitantemente, na imprensa falada (rádio e televisão). Vê-se a necessidade de essa realidade ser mostrada e de o assunto ser debatido pela sociedade, o que requer a análise, entre outros, de fenômenos sócios psicológicos como: mudança do conceito de núcleo familiar, alimentação social do sentimento de potência do adolescente que tem necessidade de mostrar que não tem medo e que tudo pode, pois impera a sensação de impunidade de que muitas ações não irão resultar em punição.

Quando ouvimos dizer que uma pessoa sofreu violência é possível que imaginemos que essa pessoa sofreu uma violência física, talvez isso ocorra por que os nossos meios de comunicação nos apresenta diariamente notícias sobre assassinatos, atropelamentos, baleados etc., porém ABROMOVAY (2006) lembra que a redução da violência ao dano físico desconsidera o ganho civilizatório no plano de direitos humanos, de reconhecimento da humanidade das diversas identidades e o respeito devido a essas. Nessa linha, os preconceitos como os que decolam de gênero, raça, geração e classe, entre tantos outros, e suas manifestações são consideradas, hoje, também violências àqueles direitos.

A violência faz parte da sociedade e nenhum segmento pode se considerar imune a esse fenômeno que cresce a cada dia. Mesmo sabendo que todos os segmentos estão sujeitos à violência gostaríamos que as escolas fossem estabelecimentos que não participassem desta realidade, por mais que tenhamos a consciência que a escola é um recorte dessa mesma sociedade, ABROMOVAY (2006) nos apresenta a realidade mostrando que a violência nas escolas se delinea como uma problemática que galvaniza atenção, considerando a mídia e a crescente produção acadêmica sobre o tema.

Cada vez mais repercute a ideia de que as escolas estão se tornando territórios de agressões e conflitos. Notícias sobre homicídios e uso de armas em estabelecimentos de ensino surgem em diversas partes do mundo, intensificando a percepção de que esses deixaram de ser um território protegido. MENDES e TORRES (2007) vão além, diante dessas circunstâncias, a docência pode ser facilmente localizada como profissão de risco.

O professor da educação básica é um profissional que lida com crianças e jovens, por tanto cidadãos que ainda não tem maioridade penal para responder pelos seus atos criminalmente, esse amparo que a lei disponibiliza para o jovem pode colaborar para um comportamento que não condiz ao ambiente escolar conforme ZIEGER (2006) afirma textualmente: na escola, educadores ouvem palavrões, levam tapas, escutam “sou de menor e tu não pode fazer nada comigo” e se sentem impotentes diante desse quadro de dor, desrespeito e indisciplina. A professora não pode responder, não pode punir, não pode...

Segundo a mesma autora, o Estatuto da Criança e do Adolescente trouxe muitas conquistas, mas sua errônea interpretação tem nos jogado numa avalanche de impunidade.

MENDES E TORRES (2007), em trabalho intitulado “A VITIMIZAÇÃO DE PROFESSORES E A “ALUNOCRACIA” NA EDUCAÇÃO BÁSICA” traz o relato de um professor, que se sente coagido e diminuído no exercício de sua função “Muitos alunos falam palavrões em sala de aula. Escrevem em classes e paredes, ofendendo professores. Riscam os carros no estacionamento. Debocham de nós, nos desprezam. É como se nós não tivéssemos direito de conquistar nada: um carro, uma casa, férias, uma viagem, um objeto bonito. Professoras que vêm bem arrumadas para a escola é motivo de chacotas e fofocas dos alunos. Os jovens não respeitam seus pais, por que respeitariam a nós?”.

Quando digerimos e aceitamos que a violência já é uma realidade nas escolas é bem possível que imaginemos que a violência praticada seja mais simples possível “coisa de criança”, se é que podemos usar esse conceito, porém CHARLOT (1997) aponta algumas das novas características da violência nas escolas: em primeiro lugar, o aparecimento, no ambiente escolar, de formas de violência mais graves do que as verificadas no passado (homicídios, estupros, agressões com armas); segundo os ataques e insultos de alunos contra professores (e vice-versa) se tornaram mais frequentes; terceiro, houve um aumento das intrusões externas na escola (invasões) e; quarto, a existência de um “estado de sobressalto, de ameaça permanente” entre os adultos de certos estabelecimentos de ensino.

Em uma escola de Porto Alegre 51% dos professores e dos funcionários relataram desrespeito com profissionais, segundo pesquisa da UNESCO entre 2000 e 2002; o desrespeito por parte dos alunos foi a segunda principal razão para não se seguir a carreira de professor, conforme pesquisa da Associação dos Supervisores de Educação do Estado. Segundo o CPERGS (Sindicato dos Professores em educação do Rio Grande do Sul), 40% dos casos de licença-saúde dos professores estaduais são por problemas psicológicos.

A generalização da violência em todos os seguimentos da sociedade corrobora para que os cidadãos não visualize a escola como uma instituição que pode disseminar uma cultura antiviolência, a ideia que prevalece é de que a violência é difusa por toda a sociedade e que repercute nas escolas, omitindo-se reflexão crítica sobre a instituição e o lugar da educação, da comunicação para modelar cultura contra violências.

A escola deixou de ser um lugar seguro para o professor exercer seu ofício, quando MENDES e TORRES (2007) afirma que a docência pode ser considerada uma profissão de risco e devido aos relatos de professores encontrado no mesmo artigo “Cada vez sinto mais

dificuldades, principalmente pelas condições psicológicas a que somos submetidos: alunos indisciplinados, sem limites, famílias que não acompanham os filhos e ficam indiferentes aos apelos do professor e da escola, pressão pela porcentagem nas aprendizagens, que é nossa responsabilidade, mas que, muitas vezes, não depende só de nós, devido às condições do aluno (deficiência, problemas orgânicos ou psicológicos)”.

A escola é um estabelecimento que recebe pessoas de diversas culturas, classes sociais e religiões, por tanto não é nada simples apontar como que a violência desemboca nas escolas, ABROMOVAY (2006) descreve que a violência na escola é um fenômeno múltiplo e diverso, que assume determinados contornos em consequência de práticas inerentes aos estabelecimentos escolares e ao sistema de ensino, bem como às relações sociais nas escolas.

Apontar uma causa específica para o problema não é simples e talvez nem seja possível, mas ABROMOVAY (2006) aponta que a atual situação decorre de uma série de mudanças pelas quais a instituição escolar está passando. Uma delas é a massificação do acesso ao ensino, sem ser acompanhado por uma educação de qualidade. Esse é um processo que ocorreu em muitos países, em vários momentos do século XX. No Brasil, se deu mais intensamente na década de 1990 e foi focado no ensino fundamental. No caso específico do Brasil, a “democratização” do acesso ao ensino máscara uma série de desigualdades inerentes ao próprio sistema. Exemplo disso são as diferenças das condições de ensino entre estabelecimentos públicos e privados, bem como entre regiões do país.

As causas que provocam a violência nas escolas são as mais diversas, MENDES E TORRES (2007) fazem algumas indagações, o Estatuto da Criança e do Adolescente, que não estipula penalidade por agressão ao professor, influenciou a relação professor-aluno, contribuindo para a formação de uma cultura de violência no ambiente escolar? O que significa ser professor antes e depois do E.C.A? Estaria se instaurando, paulatina e progressivamente, a ditadura do alunado contra o estatuto da autoridade docente? São perguntas que precisam de uma análise social profunda para elaborar um posicionamento.

Com a democratização de educação, as escolas receberam uma demanda maior de alunos, assim todos os seguimentos da sociedade tiveram sua representatividade aumentada no contexto escolar, essa maior demanda pode ter corroborado para maiores problemas como explica BENICINI (2005) na década de 80, a formação e organização de sindicatos dos professores e a pulverização de ideias de educação popular, segundo as teorias pedagógicas progressistas, fizeram com que a disciplina não fosse vista de forma mais tão rígida, o que provocou uma relação professor-aluno mais próxima.

Já nos anos 2000, a educação estendida a todas as classes sociais e a ampla procura de escolarização exige do professor uma nova postura, pois que este precisa enfrentar problemas de aprendizagem, violência, diferenças culturais, nem sempre resolvidos a contento, considerando que comumente, não foi preparada na formação inicial e continuada, para o enfrentamento das novas demandas de tais realidades.

A definição de violência por si só traz a necessidade de uma análise profunda daquilo que pode ser considerado crime a partir do ato praticado. O caráter complexo e multifacetado da violência no ambiente escolar impõe uma série de desafios no que tange à definição do fenômeno. Assim como ocorre com a violência em geral, a violência nas escolas pode ser definida de várias maneiras. As definições estão alinhadas aos conceitos de violência: como sinônimo de agressão física; como delito ou crime; como transgressão; como agressão verbal; como as várias formas de discriminação; como ataques ao patrimônio, entre outras. Nesse sentido é necessário abandonar definições rígidas e restritivas, que limitam a violência a um ou outro tipo de manifestação ABROMOVAY (2006).

O ambiente escolar carrega consigo uma complexidade maior daquilo que pode ser considerado crime do ponto de vista jurídico como é apontado por ABROMOVAY (2006): As incivildades não são necessariamente comportamentos ilegais no sentido jurídico. No entanto, elas consistem em infrações à ordem estabelecida que ocorram na vida cotidiana. Mesmo não sendo aparentemente graves, são atos – como agressões verbais, xingamentos, atos de indisciplina, abusos de poder, etc. –, elas têm um potencial de desorganização da ordem coletiva e das referências de sentido individuais, destruindo laços sociais, fomentando um sentimento de insegurança, fragilizando instituições, afetando a experiência e a confiança no outro.

Os apontamentos sobre o que tem acarretado o aumento da violência nas escolas são bastante diversificados, ZAGURY (2006) conclui, afirmando que o magistério é uma das profissões que mais acumulou funções nos últimos anos. Nas entrelinhas desses dados, podemos ler: a sociedade tem representado o professor como o substituto do lar, da babá, da creche (escola de educação infantil).

O estabelecimento de ensino atrai para si todas as culturas, portanto é de se esperar que sempre haja comportamentos diversos dentro destes estabelecimentos, na pesquisa sobre violência nas escolas coordenada por ABROMOVAY (2006) é apresentado o relato de um professor: Os alunos se agriem, mas eles têm um companheirismo muito bom. Eles se agriem, eles se batem, mas eles se protegem também. Se protegem nos grupos, se protegem

em pequenos grupos. É quase uma reprodução do que você é, é reprodução do que você vê nas comunidades, que eles são muito solidários. Os nossos alunos, eles trazem um retrato perfeito, eu estou falando da grande porcentagem. (Entrevista com professora, Rio de Janeiro).

Em tese o relato do professor deixa transparecer que os atos de violência ou de incivildades praticados pelos alunos não causam mais nenhum sentimento de repúdio, é possível que a convivência diária com os alunos colabore para que o professor enxergue esse comportamento como natural dentro do estabelecimento de ensino? Nesse mesmo artigo ABROMOVAY (2006) traz o relato de outro professor: Nós não temos tempo para o aluno bom. Até nós comentamos: o aluno bom, nós não temos tempo pra ele porque nós nos ocupamos com o aluno que dá trabalho, que dá trabalho o tempo todo. O aluno que dá trabalho é aquele que ocupa o nosso tempo. Então ele percebe, eu acho que eles percebem isso. “A atenção do professor vai vir se eu fizer alguma coisa que incomode ele”. Então, ou bagunçando, correndo pela sala, incomodando os outros colegas. Desse jeito, eu acho que ele percebe que tem a atenção do professor. De outra forma, não. (Entrevista com professor, São Paulo).

O relato do professor evidencia que as incivildades trazem para a escola um grande prejuízo ao ponto que o aluno que deseja ter aula não consegue por que o professor é obrigado a dedicar seu tempo a controlar as incivildades de alguns alunos. Talvez fosse necessário conceituar como violência atos de incivildades que causem prejuízos ao trabalho do professor ou ao aprendizado dos alunos, porém como apontamos desde o começo conceituar violência é bastante complexo.

Destacando que o aluno tem amparo do ECA, seria interessante analisar se os direitos dos alunos e professores não estejam desproporcionais como busca esclarecer MENDES E TORRES (2007) quando afirmam que é nesse clima que professores são ameaçados e agredidos no exercício de sua profissão! Veem a docência em situação de desgaste e desvalorização que perpassam as relações pedagógicas influenciadas por representações sociais, vendo-se, ao mesmo tempo, como reféns de um processo legal que confere do nosso ponto de vista, direitos desproporcionais na relação aluno-professor.

Uma realidade vivida no ambiente escolar há poucas décadas atrás era apontada como um local de “repressão” ao aluno, ambiente onde ele não podia expor sua opinião e tinha o professor como o mestre, aquele que detinha o conhecimento, MENDES E TORRES (2007) apontam que essa realidade sofreu alterações, de um lado, tínhamos, há até poucas décadas, a

autoridade nas mãos do professor, o que curvava os alunos à resignação. De outro lado, temos, atualmente, representações sociais que desvirtuam princípios legais e que tem gerado o absolutismo e a ditadura dos alunos: a alunocracia.

É necessário, portanto, buscar um equilíbrio uma definição dos papéis do aluno e do professor na tentativa de excluir ou minimizar os conflitos, nas palavras de ZIEGER (2006): a violência na família e na escola gera violência social. Mas não podemos cair no lado oposto da moeda: falta de limites e impunidade também geram violência e caos.

A escola que um dia foi vista como um lugar de segurança e civilidade vem aos poucos alterando esse conceito. Em nosso país a escola de ensino básico é obrigatória causando inclusive punição para aquele pai que não cumprir com tal obrigatoriedade, diante disso cabe perguntar se todos os indivíduos que estão em sala de aula estão realmente com o intuito de aprender ou se apenas estão lá para cumprirem a lei? Essa pergunta é válida diante da pesquisa de ABROMOVAY (2006) que mostra a presença e o uso das armas nas escolas é tema privilegiado por crescente literatura internacional e nacional.

Consideram-se as armas um construto de violências com dois gumes: a arma gera violências extremas, como ferimentos e mortes; e é um tipo de violência em si mesma, tanto contra sujeitos individualizados – um colega, um professor – através da intimidação e medo, como contra a instituição escolar, que sendo a casa da razão é violentada por uma linguagem que exclui a comunicação, o diálogo, apelando para a imposição da força. A literatura nacional e internacional sobre violência nas escolas frisa que a disponibilidade de uma arma aumenta a possibilidade de que ocorram confrontos e de que as pessoas envolvidas numa alteração percam o controle, passando à violência extrema, o homicídio.

Se o leitor não se atentar para o contexto deste artigo ele pode facilmente ser levado a pensar que estamos falando de conflitos urbanos e não de ambiente escolar. Pois descrevemos aqui um roteiro que começa com agressões verbais, ameaças, agressões físicas e que finalizam com armamentos e possibilidades de mortes dentro de um estabelecimento de ensino.

2.2 TIPOS DE VIOLÊNCIA QUE OCORREM COM MAIS FREQUÊNCIA NAS ESCOLAS

2.2.1 AGRESSÕES VERBAIS

É natural que a maioria das pessoas tipifique agressões verbais como crime, portanto ABROMOVAY (2006) mostra que são consideradas incivildades, xingamentos, desrespeito,

ofensas, modos grosseiros de se expressar, discussões, que se dão muitas vezes por motivos banais ou ligados ao cotidiano da escola. Compreende-se, portanto, agressão verbal como incivilidade.

Segundo ROCHÉ (1996) as incivildades são comportamentos e atitudes que acarretam rupturas da ordem do cotidiano. Elas não têm um enquadramento jurídico preciso, ou seja, não são necessariamente consideradas crimes e delitos. As incivildades são, antes de tudo, uma noção sociológica que remete às representações e às percepções das pessoas. A tipologia de agressões verbais é diversificada, abarcando uma série de situações, como se observa a seguir: Palavras grossas, Grosserias, Insultos, Discussões, Bate-boca, Ofensas, Palavrões, Apelidos feios, Difamação (colegas de classe falaram que eu estava com vírus HIV), Conflito, Falta de respeito, Brincadeiras de mau gosto e Xingamentos.

SOUZA (2007) procura jogar luz mostrando o prejuízo que a violência traz para o ensino afirmando que a violência que ocorre nas escolas, principalmente contra professores que atuam no ensino médio e no fundamental constitui uma das sérias causas para que a educação brasileira não apresente qualidade compatível à dos países desenvolvidos.

ABROMOVAY (2006) defende que nas questões envolvendo violência escolar não se pode restringir a análise da violência às violências mais duras (os crimes e/ou delitos). Daí a relevância de se considerar a questão das agressões verbais identificadas como um tipo de violência que não somente atormenta, mas também agride seriamente, permeando as relações interpessoais, passando a determinar a forma como os membros da comunidade escolar se comunicam e interagem entre si, dentro de um espectro de agressividade que envolve xingamentos, ofensas, insultos, difamações, desacatos e visões preconceituosas apoiadas em estereótipos.

A falta de leis e/ou aplicações delas tem gerado um grande desconforto na atuação dos professores como apresenta SOUZA (2007), é necessário reconhecer a dura realidade dos professores, que por falta de aplicação da lei e pelo aumento da violência escolar e da sensação de impotência institucional, cada vez mais, se sentem desprotegidos e, seguramente, vários deles, estão à beira de um ataque de nervos.

Se deixarmos de lado questões jurídicas, a violência não é definida por quem pratica, mas sim pela vítima que sofre a dor e sente na pele o ato praticado, é a vítima que se sente violentada independente se quem praticou o ato considere ou não violência. As percepções sobre violência dependem não somente dos valores, dos códigos sociais e das fragilidades pessoais das vítimas ou daqueles que se colocam em seu lugar, mas, principalmente, de certos

princípios universais de respeito ao direito do ser humano de ser considerada, em sua integralidade, parte significativa da educação, da escola, tendo em vista sua responsabilidade com a civilidade dos relacionamentos.

2.2.2 AMEAÇAS

A violência tem várias faces, um exemplo de violências sentidas e vividas são as ameaças, que têm a expressão verbal como forma, e têm como aliados o silêncio e o medo das vítimas. SOUZA (2007) faz reflexão ao trazer uma análise da obra de ZAGURY (2006), chamando a atenção do fato que as políticas públicas educacionais são criadas sem existir uma participação ampla dos professores.

O espaço escolar reservado para interações sociais civilizadas e cordiais também tem sido usado para a prática de diversos tipos de violência, como a ameaça que ganha magnitude no espaço escolar, gerando um clima de medo e de retraimento das vítimas. Este é um mecanismo utilizado para demonstrar poder e, a depender do objetivo e da intimidação, pode se concretizar em agressões físicas. A ameaça não é apenas uma incivilidade ela é tipificada como delito sujeito à punição prevista no artigo 147 do Código Penal ABROMOVAY (2006).

O que mais nos causa espanto é quando percebemos que a causa de ameaças de alunos contra professores é quando eles fracassam quando alunos. Principais causas das ameaças feitas pelos alunos aos professores, segundo depoimento dos docentes 2003/2004, dados coletado de ABROMOVAY (2006), quando reprovam; Quando damos notas baixas; Quando os alunos repetem o ano; Quando passam o prazo de entrega dos trabalhos; Quando exigem o uso de uniforme; Quando discordam da avaliação; Quando transferem os alunos; Quando chamam a atenção do aluno; Quando encaminha para a coordenação ou quando expulsa o aluno.

As ameaças sofridas pelo docente são as mais diversas segundo a pesquisa realizada por ABROMOVAY (2006): Tipos de ameaças “duras” feitas por alunos contra os professores, segundo depoimento dos docentes - 2003/2004: Professor sendo ameaçado de morte; Jurar pegar professor; Ameaça de um aluno para o professor de riscar o carro do professor; Ameaça de morte ao chamar atenção de determinado aluno; Pegar o professor fora da escola; Ameaça de espancamento e de morte; Ameaça de surra.

Se o convívio com a violência praticada pelo aluno contra o professor, já é o bastante para afetar o seu trabalho e até a sua qualidade de vida, o professor ainda convive com a

possibilidade de sofrer violência por parte dos pais desses alunos conforme apresenta o quadro a seguir.

Proporção de membros do corpo técnico-pedagógico de escolas do ensino fundamental e médio, segundo indicação de que já sofreram ameaças, xingamentos ou agressões pelos pais dos alunos – 2003/2004

Tabela 1 - professores que sofreram violência por parte dos pais dos alunos

Foram ameaçados, xingados e/ou agredidos pelos pais dos alunos.	(%)	Número de membros do corpo técnico-pedagógico.
Sim	9,0	153
Não	91,0	1.538
Total	100	1.691

Fonte: ABROMOVAY (2006).

ABROMOVAY (2006) aponta que as ameaças são frequentes que já foram incorporadas no dia a dia da escola. Os alunos declaram que, mesmo diante da frequência considerável com que a ameaça se dá no cotidiano escolar, há casos que não são denunciados ou são omitidos, especialmente pelos professores – o que sugere que a ocorrência de ameaças passou a ser vista como algo ordinário, mais uma vez evidenciando certa banalização da violência na escola.

2.2.3 AGRESSÃO FÍSICA

Os estabelecimentos de ensino deveriam ser locais de convivência das diversas linhas de pensamentos, onde discordar é algo natural. Deveriam ocorrer apenas debates onde cada aluno defenderia seu ponto de vista, porém ABROMOVAY (2006) aponta em sua pesquisa que a escola tem sido palco de ocorrência de diversos tipos de violências, dentre os quais se destacam as brigas com agressões físicas.

Embora este tipo de violência não seja o mais frequente nas escolas, ele ganha maior visibilidade no discurso dos vários atores escolares, o que se explica pelo grau de violência e agressividade envolvido nas disputas, pelos instrumentos e mecanismos utilizados para atacar o adversário e pelo fato dos alunos se destacarem ora como vítima ora como agressor. Não é

fácil aceitar que a violência esteja estacionada nas escolas gerando conflitos entre os alunos, ficamos ainda mais estarecidos ao ser informado por ABROMOVAY (2006) que ainda que as agressões entre pares sejam mais frequentes, há também testemunhos sobre violências de alunos contra professores. As violências têm repercussões negativas para a saúde e para o sentido de integridade do sujeito, como pessoa e como professor.

2.3 AS CONSEQUÊNCIAS DA VIOLÊNCIA ESCOLAR PARA A QUALIDADE DO TRABALHO DO DOCENTE.

O professor é um profissional de extrema necessidade na sociedade, pois é o professor responsável por formar os demais profissionais. Para exercer sua profissão o professor precisa de um ambiente cordial, respeitoso e confortável como qualquer outro profissional, porém a violência sofrida pelo professor em seu ambiente de trabalho tem resultado em danos para esse profissional como aponta ABROMOVAY (2006): as agressões verbais contra os professores podem resultar em danos de várias ordens e em distintas consequências, quer para os indivíduos, quer para as instituições e para a qualidade do ensino.

A literatura ressalta que o magistério é uma das ocupações mais afetadas pela Síndrome de Burnout (A síndrome de Burnout, ou síndrome do esgotamento profissional, é um distúrbio psíquico descrito em 1974 por Freudenberger, um médico americano). Na mesma linha de raciocínio MATOS (2012) aponta que nos últimos anos, professores de escolas públicas e privadas tem sido alvo de agressões físicas, verbais e psicológicas que direta ou indiretamente, influenciam em sua motivação profissional em sala de aula, contribuindo dessa forma, para uma educação de baixa qualidade, desânimo dos professores e conseqüentemente, afetando sua prática e desqualificando um dos objetivos da escola que é o ensino e aprendizagem dos alunos.

2.4 A VIOLÊNCIA CONTRA PROFESSORES, FAMÍLIA E ESCOLA.

Os professores sofrem uma pressão institucional para manter “bons resultados” e colocamos bons resultados entre aspas porque ele se refere a resultados matemáticos, estatísticas um mero preenchimento de planilhas, relatórios produzidos que muitas das vezes omitem a realidade dos estabelecimentos de ensino conforme mostra MATOS (2012), apesar dessas práticas de agressão direta, os docentes são almeçados com outras formas de violência

que prejudica a execução de seu trabalho e a sua integridade moral, causadas na maioria das vezes pelas próprias escolas que procuram resultados positivos, mesmo sem oferecer os suportes necessários, tais violências podem ser: classe superlotada, péssimas condições de trabalho e as avaliações que a escola encoberta para não prejudicar seu rendimento perante o Ministério da Educação (MEC).

É necessário que a sociedade entenda que o professor é o profissional que pode colaborar diretamente para uma sociedade mais esclarecida, pois é um consenso que uma nação forte se faz através da educação. O professor precisa do apoio institucional para ter o mínimo de condições no ambiente escolar e da colaboração da comunidade para dividir a responsabilidade em educar, porém MATOS (2012) aponta que a violência contra professores e demais funcionários podem se originar a partir de elementos simples das relações no cotidiano escolar, por meio das ameaças diretas e indiretas dos alunos que não aceitam se submeter às regras da escola e a autoridade do professor.

Os professores não podem sequer punir os alunos sem terem sua integridade física e moral comprometida, esses fatores prejudicam o desenvolvimento da aula e conseqüentemente a aprendizagem dos demais alunos. Diante desse pano de fundo a questão será como podemos exigir excelência do professor? Se ele não consegue exercer seu trabalho sem antes analisar se isso acarretará em prejuízos físicos ou moral para sua pessoa? É de se esperar que um policial que trabalha diretamente com o enfrentamento da violência tenha essa preocupação ao sair de casa, porém é inadmissível perceber que o professor que não foi treinado para tal tenha que passar por situações análogas a de um policial.

O professor precisa do apoio da lei para poder desempenhar sua função com tranquilidade, usar de suas energias apenas para ensinar sem se preocupar com a sua segurança. O professor do ensino básico trabalha com alunos menores de idade, cidadãos que são amparados pelo ECA e MATOS (2012) mostra em seu artigo que a interpretação superficial da legislação, especialmente do ECA, tem contribuído para um sentimento de impunidade em relação aos jovens agressores, pois por não prever medidas rigorosas de punição, os alunos não reconhecem a autoridade do professor em sala e se acham no direito de desrespeitá-los. Assim, os professores sentem falta de políticas que os ampare de forma ampla e garantam sua segurança no ambiente de trabalho.

Neste momento não podemos isentar as famílias de sua responsabilidade, pois o aluno não é um objeto que deve ser deixado na escola e ser buscado quatro horas depois, é necessário o envolvimento da família na educação do aluno e nesse ponto de vista, MATOS

(2012) diz que existe uma tentativa por parte das autoridades em combater as formas de violência nas escolas, sobretudo as cometidas contra professores, mas a família e a escola devem ter sua parcela de responsabilidade nessa jornada, agindo em parceria para diminuir essa ameaça nas escolas.

A família é importante na prevenção da violência aos professores por ser a principal referência da criança no desenvolvimento de seu comportamento, sendo encarregada de transmitir aos filhos as primeiras noções de ética e respeito para o melhor convívio com o grupo, contribuindo de forma significativa para melhorar as relações na escola. Essa preocupação precisa urgentemente ser compartilhada pelos pais, pois o professor não consegue sozinho educar 30 alunos das mais diversas culturas.

ABROMOVAY (2006) traz o relato de um professor que em suas palavras deixa transparecer a sensação de impotência, “Aconteceu um caso aqui, que não é recente, que a professora trabalhava um horário nessa escola e outro horário em outra escola. O aluno foi na outra escola, entrou na sala dela, agrediu a professora e a direção tomou providências. O aluno foi retirado de sala de aula porque a professora disse que não entraria mais em sala de aula com aquele aluno lá. A família não aceitou, procurou a Secretaria de Educação, veio psicólogo e tudo. Fizemos a professora aceitar o aluno em sala de aula. Ela não teria mais nenhuma condição de trabalhar com aquele aluno. E a decisão lá de cima foi que o aluno teria direito de permanecer em sala de aula”.

2.5 A QUEM DEVE RECORRER O PROFESSOR VITIMA DE VIOLENCIAS NAS ESCOLAS?

Muitas vezes o professor vítima de violência no exercício de sua função, não sabe a quem recorrer, pois até os pais dos alunos que em tese deveria corroborar com o professor para juntos resolverem os assuntos relacionados à violência praticada pelos seus filhos, não são raras as vezes que se isentam de suas responsabilidades, e não para por aí SOUZA (2007) apresenta outras questões a serem pontuadas, diferenciar a atuação da escola nos casos de indisciplina e nos casos de atos infracionais, sem uma abordagem mais profunda sobre as diferenças conceituais.

Maiores de idade praticam crimes ou contravenções penais e, os menores de dezoito anos praticam atos infracionais, que estão previstos no Código Penal, ao passo que, os atos de indisciplina estão fixados no Regimento Interno de cada escola. Os atos de indisciplina são

apontados pelo regimento das escolas e os atos considerados infração devem estar obrigatoriamente tipificados no código penal para ser considerado como tal. SOUZA (2007) diz que muitas vezes o conselho tutelar ou o ministério público são acionados para resolverem atos que são indisciplina e nesse caso não pode agir porque esses assuntos à resolução ficam a cargo da própria escola. O ministério público interfere apenas quando o assunto são infrações e/ou crimes tipificados no código penal.

Os atos de indisciplinas devem está tipificado no regimento interno da escola, pois esse é o “código penal” escolar, é o regimento interno que traz luz sobre a aplicabilidade ou não de punições as indisciplinas dos alunos, porém, SOUZA (2007) aponta alguns cuidados na criação do regimento para não ser questionado pela Justiça, através de advogados contratados pelos pais dos alunos ou pelo Ministério Público ou pelo Conselho Tutelar, exige alguns cuidados e/ou cautelas jurídicas.

Um cuidado essencial é frequentemente esquecido e/ou desconhecido pelas direções das escolas, é que o Regimento Interno deve estar de acordo com a LDB, ECA e a CF. Tal fato exige que sua elaboração seja acompanhada por um advogado especialista na educação ou por pessoa que possua e/ou domine as regras jurídicas mais elementares, sobretudo os preceitos constitucionais fundamentais (art. 5º da CF), que, como conhecido, são as regras e os princípios legais mais importantes de qualquer sociedade organizada. Nesse mesmo artigo SOUZA (2007) afirma que identificada a indisciplina do aluno é necessário seguir alguns passos, primeiro mostrar para o aluno que a indisciplina praticada consta no regimento interno da escola, em seguida avisar a família do aluno, dar o direito de defesa.

Na necessidade de punição que ela seja aplicada de acordo com a gravidade dos fatos evitando desproporcionalidade na aplicação da punição para evitar sensação de impunidade. Se o ato cometido pelo aluno for tipificado como crime ou infração o professor poderá acionar o conselho tutelar e/ou ministério público para providências cabíveis.

SOUZA (2007) defende ainda que o regimento interno na sua criação deveria contar com a participação de toda comunidade escolar inclusive os alunos e com o apoio jurídico de um advogado para não ocorrer excessos e/ou ferir o LDB, ECA ou a Constituição. MENDES E TORRES (2007), trazem o relato de um professor que afirma que geralmente é um processo lento, resultados lentos e, nesses casos, o aluno tem muita proteção, mecanismos que os ampare, dependendo da situação, o professor de vítima passa a ser o vilão. Como vimos Souza (2007) nos alerta para a necessidade de um acompanhamento jurídico na confecção do regimento da escola para minimizar e/ou excluir essas situações.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar pela perspectiva dos professores das escolas da educação básica da cidade de SINOP-MT, sobre a violência dentro do ambiente escolar.

3.2 OBJETIVO ESPECÍFICO

- Identificar através dos relatos dos professores se a violência já ultrapassou os "muros" das escolas;
- Analisar através de relatos quais tipos de violência que os professores têm sofrido em salas de aulas;
- Verificar qual é a maneira que a violência se apresenta com mais intensidade nas escolas: moral, física ou psicológica.

4 HIPÓTESES

1. A violência sofrida pelo professor interfere no desenvolvimento do ensino em sala de aula.
2. Qual o reflexo da violência no desenvolvimento do ensino-aprendizagem do aluno.
3. O ambiente escolar está preparado para lidar com a violência em seu meio.

5 JUSTIFICATIVA

Este trabalho busca compreender o fenômeno violência dentro das escolas de ensino básico da cidade de Sinop-MT, um olhar exclusivo para a violência sofrida pelo professor. Precisamos compreender o ambiente de trabalho do professor no aspecto segurança como que esse profissional tem sido tratado em seu ambiente de trabalho.

O clima de insatisfação e de medo que assola o mundo neste início de século pode ser o estimulador da criminalidade e da violência que atinge todos os segmentos da sociedade. Nesse contexto, as crianças e os adolescentes se apresentam como um foco de preocupação para pais e educadores, justamente por viver numa sociedade em transformação, tomada por valores instáveis e de curta duração. A agressividade, que faz parte da natureza afetiva do ser humano, quando reprimida, pode se manifestar como violência (ANSER, M. A.C.I et al. 2003)

É sabido que a sociedade tem apresentado números cada dia mais crescente de violência de todos os tipos, a grande maioria dos casos de violência está relacionados aos jovens em idade escolar. Na perspectiva de RIOLFI (1999), ninguém sabe muito bem o que fazer e tem vergonha de dizer isso, o que coloca o professor em uma posição de solidão improdutiva e rancorosa, que o empurra para uma situação de rivalidade quase que mal disfarçada em relação a seus próprios alunos. Além disso, fatores de violência externos à escola têm gerado conflitos que se manifestam dentro da sala de aula comprometendo o aprendizado.

Esse tema ocupa grande espaço nos noticiários, jornais, revistas e periódicos laicos e científicos no mundo todo, apesar de pouco ter sido feito para minimizá-lo ou eliminá-lo diante dos fatos precisamos entender como a escola, essa instituição tão importante para qualquer sociedade tem sido ou não atingida por essa violência que a circunda.

Temos consciência que a escola apesar de murada ou cercada ela não fica alheia ao que acontece ao seu redor, nessa ótica precisamos compreender se a violência está na escola, qual é a sua “face” de que maneira ela se apresenta moral, física, psicológica ou ainda com faces desconhecidas.

6 CARACTERIZAÇÃO DO PROBLEMA

A violência contra o professor atingiu patamares absurdo ao ponto que a APEOESP (Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo) trazer em seu site uma matéria “especial” intitulada (violência contra professores: Quando a tarefa de ensinar vira caso de polícia), não estamos falando de profissionais de órgão de repressão, estamos falando de profissionais que têm como ofício ajudar as pessoas adquirirem conhecimento e o que elas recebem em troca é a violência.

Segundo pesquisa divulgada pelo APEOESP em maio deste ano (2013), 44% dos professores da rede estadual já sofreram algum tipo de violência na escola. A agressão verbal é a forma mais comum de ataque, tendo atingido 39% dos docentes, seguida de assédio moral (10%), *bullying* (6%) e agressão física (5%). O estudo mostra ainda que quem mais sofre violência escolar são os professores do sexo masculino que lecionam no ensino médio: 65% deles foram agredidos de alguma forma.

Professores sem autoridade e desmotivados com o quadro de abandono da carreira, pais que repassam para a escola a tarefa de educar, alunos inquietos, uma sala de aula que parece ter parado no tempo e governos omissos formam a bomba-relógio da violência.

7 METODOLOGIA

Optamos pela escola Santana Silva Freire (SEJA), por ter conhecimento com pessoas que fazem parte do quadro de funcionários da mesma, sabíamos que seria mais ágil o nosso trabalho com esse conhecimento prévio.

A escola Santana da Silva Freire (CEJA) nos deu a oportunidade de aplicar o nosso questionário na sala de educador, essa abertura da escola foi fundamental, pois tínhamos dentro de uma única sala professores que representavam 04 regiões da cidade de Sinop, são elas: o bairro Centro representada pela própria Escola Santana da Silva Freire (CEJA), o bairro São Cristóvão representado pela Escola Municipal de Educação Básica Menino Jesus, a região do grande Boa Esperança, representado pela Escola Estadual Rosa dos Ventos e o bairro primavera representado pela Escola Municipal de Educação Básica Rodrigo Damasceno, todos os bairros mencionados são locais onde o CEJA atua dentro das respectivas escolas. A sala do educador é assim chamada por ser um ambiente para troca de ideias entre os professores e é também um espaço disponibilizado para formação continuada, dentro deste contexto foi de grande valia o espaço que nos foi cedido para aplicar o nosso questionário.

O questionário foi confeccionado com 19 questões, sendo que 18 delas são objetivas e apenas uma sendo subjetiva. A questão subjetiva apenas para saber qual a formação acadêmica do professor, vamos disponibilizar no anexo o questionário.

8 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nosso resultado foi subtraído do questionário que aplicamos aos professores na sala do educador, portanto toda nossa discussão ocorrerá a partir desse questionário, vamos fazer um análise detalhada de todas as questões.

8.1 VOCÊ JÁ MINISTROU AULA EM OUTRA ÁREA QUE DIVERGE DA SUA FORMAÇÃO ACADÊMICA?

Na intenção de conhecer o perfil dos professores, buscamos saber se eles já tinham ministrado aulas que divergia de sua área de formação. A maioria dos professores afirmaram que não ministraram aulas que estivesse em desacordo com escopo de sua formação, essa resposta foi apontada por 10 professores, porém, outros 5 professores apontaram que já foi necessário ministrar aulas que estava de desacordo com a sua formação acadêmica.

Esse resultado ficou abaixo da média nacional, pois o site uol em sua página destinada a educação traz uma matéria apontando que no ano de 2014 um total de 51,7% dos professores no Brasil ministram aulas em disciplinas que não são licenciados. Essa mesma matéria aponta que na região centro oeste essa média é ainda maior 60,5%, mostrando, portanto esta amostra apesar da necessidade de melhora tem índices superiores à média nacional e regional, pois nossa pesquisa apontou que apenas 33,33% de nossos professores estão nessas condições.

8.2 HÁ QUANTO TEMPO LECIONA NA EDUCAÇÃO BÁSICA?

Consideramos que seria importante para nossa pesquisa saber a quanto tempo o professor adentrava a sala de aula para realizar seu trabalho, quanto mais tempo o professor tem em sala, em tese dispõe de mais experiências para compartilhar. A maioria absoluta dos professores que se dispuseram responder o questionário afirmaram que estão lecionando na educação básica por um período de tempo superior a 5 anos, 12 professores fizeram essa afirmação, apenas 3 professores afirmaram que estão selecionando a um tempo inferior a 5 anos.

O tempo de docência é algo muito importante, a experiência colabora com o melhor desempenho do profissional. Cada vez que ele repete a mesma ação à tendência é que faça

melhor. MAURICE TARDIF (2014) em seu livro “Saberes Docente e formação Profissional” afirma que o professor aprende a ensinar fazendo o seu trabalho.

8.3 COMO VOCÊ DEFINIRIA A QUALIDADE DE ENSINO NO BRASIL ATUALMENTE?

Quando indagamos os professores através do questionário qual era a sua ótica sobre a qualidade do ensino no Brasil nos dias atuais, os professores tinham 4 opções (ruim, Regular, bom e ótimo), tivemos uma diversidade de respostas, 5 professores apontam que em sua visão o ensino brasileiro está ruim. Um total de 8 professores fizeram uma avaliação um pouco mais positiva, para esse grupo o ensino no Brasil está regular. Outro grupo composto por dois professores avaliaram que a nossa educação está de boa qualidade, todavia houve um consenso, nenhum dos professores apontou que o ensino em nosso país é de ótima qualidade.

A nossa pesquisa corrobora com o apontamento da prova Brasil no ano de 2015, segundo publicação da revista época em sua versão digital traz o seguinte título: “O ensino Público no Brasil: Ruim, Desigual e Estagnado” e traz alguns dados nada animadores. Mais de 65% dos alunos brasileiros no 5º ano da escola pública não sabem reconhecer um quadrado, um triângulo ou um círculo. Cerca de 60% não conseguem localizar informações explícitas numa história de conto de fadas ou em reportagens. Entre os maiores, no 9º ano, cerca de 90% não aprenderam a converter uma medida dada em metros para centímetros, e 88% não conseguem apontar a ideia principal de uma crônica ou de um poema. Esse retrato condiz com o consenso de nossa pesquisa.

8.4 COMO VOCÊ DEFINIRIA A QUALIDADE DE ENSINO NO MUNICÍPIO DE SINOP?

Na necessidade de realizar um recorte no foco da pesquisa apresentamos a mesma pergunta para os professores, agora com o foco no município de Sinop - MT houve alterações para o grupo que avalia a educação nacional como ruim, na avaliação para o ensino municipal as avaliações ruins foram reduzidas para apenas 01, aqueles que avaliaram como regular não houve alteração, no total 8 professores assinalaram essa opção. Aqueles professores que avaliaram o ensino do município como bom, foi superior em relação ao ensino nacional um

total de 06 professores fizeram este apontamento, mais uma vez houve um consenso pois nenhum professor avaliou o ensino de Sinop como ótimo.

Esse resultado aproxima bastante das estatísticas trazidas pelo site de notícias RD News, o site traz dados do PISA (Programa Internacional de Avaliação de Alunos), entre 65 países o Brasil ocupa a posição 53. Nesta mesma matéria a autora traz dados do IDEB (Índice de Desenvolvimento de Educação Básica), onde aponta o Mato Grosso como 8º da federação em qualidade de ensino até 4º série, quando o apontamento e até a 9º série caímos uma posição e ficamos em 5º colocação.

8.5 QUAL É O NÍVEL DE APRENDIZAGEM DOS SEUS ALUNOS?

Ao questionarmos os professores qual avaliação eles fazem em relação ao aprendizado dos alunos, a maciça maioria apontou que o os alunos têm um aprendizado regular, dos 15 professores 13 fizeram essa indicação, e 02 professores assinalaram que o aprendizado de seus alunos é bom. Nessa questão os “extremos” não foram apontados, nenhum dos professores apontou para um aprendizado ruim ou péssimo.

Os professores apontaram para aprendizado como regular penso que fazer um apontamento ainda mais negativo como ruim ou péssimo seria uma forma de autocrítica, não que esse autor considere os professores como principal culpado do desempenho de aprendizagem. Se usarmos mais uma vez os apontamentos da prova Brasil de 2015, a nossa pesquisa fica em descompasso com aquele resultado. O resultado da prova Brasil segundo a Revista época em sua versão digital, o aprendizado passa muito longe do ideal e a autora da matéria faz outro apontamento, Os resultados revelam, no entanto, algo ainda mais perigoso que o baixo desempenho: a desigualdade. Enquanto em alguns Estados do Sul e Sudeste, como São Paulo e Santa Catarina, metade dos alunos tem aprendizado adequado em português, Estados como Alagoas e Maranhão não chegam a ter 20%, uma provável causa desta discrepância é a desigualdade social.

8.6 OS SEUS ALUNOS ACREDITAM QUE A EDUCAÇÃO (ENSINO) É IMPORTANTE PARA SUA FORMAÇÃO?

Na necessidade de verificar como o aluno enxerga a educação indagamos os professores se seus alunos acreditam que o ensino é importante para sua formação, e para

nossa alegria, segundo a observação dos professores a maioria dos alunos acreditam na importância da educação para sua formação, 12 professores fizeram essa análise. Outros 2 professores apontaram que os alunos não acreditam na importância da educação. Na questão que apresentamos aos professores tinha como opção de resposta sim ou não, porém 01 professor escreveu por extenso que “alguns sim, outros não”.

Apesar da alegria do resultado não podemos deixar de citar nossa preocupação, é no mínimo contraditório os professores apontarem que os alunos reconhecem a importância da escola e ao mesmo tempo praticam violência contra ela ou contra professores. Parece que a violência é algo da modernidade, algo recente, porém BERNARD CHARLOT (2002) nos faz lembrar que a violência ocorre nas escolas há bastante tempo ele se lembra de casos específicos na França no século XIX onde houve explosões nas escolas. O autor afirma que o que muda é a forma de violência que cada dia tem ficado mais graves, crimes como homicídios, estupros e agressões com armas.

Diante desta narrativa fica difícil compreender a visão dos alunos, de um lado enxerga a importância da escola e de outro faz seus ataques. Uma pergunta que não quer calar, o que os alunos enxergam como violência? Se conseguíssemos essas respostas talvez melhorassem nosso entendimento.

8.7 OS PAIS OU RESPONSÁVEIS PARTICIPAM (OU COLABORAM) PARA FORMAÇÃO DOS ALUNOS?

Acreditamos que para o ensino funcionar de maneira produtiva é necessário o bom funcionamento de um tripé; pais, alunos e professor, esses são sujeitos envolvidos diretamente com o ensino. Com essa linha de pensamento lançamos o questionamento aos professores com o objetivo de obter informações a respeito da participação dos pais no aprendizado de seus filhos, para a nossa surpresa, a esmagadora maioria dos professores responderam que os pais não participam ou colaboram da formação de seus filhos, de um total de 15 professores 13 optaram por essa resposta, apenas 2 professores assinalaram que os pais participam ou colaboram na formação de seus alunos.

Esse resultado trouxe um antagonismo à nossa perspectiva ao ideário de educação. VALADAREZ E PEDRAL (2006) detalha nunca se falou tanto na necessidade de pôr limites e nunca se praticou tão pouco. Perguntam sobre que feitiço é esse que deixa pais e mães [e,

por que não, professores e professoras] inertes diante de crianças e adolescentes tiranos que se identificam, subjetivamente, com ditadores mirins e juvenis.

8.8 VOCÊ ACREDITA QUE A PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA CONTRIBUI PARA FORMAÇÃO DO ALUNO?

Na busca de conhecer a ótica dos professores sobre o processo educacional questionamos: Você acredita que a participação da família contribui para formação do aluno? a resposta foi consensual, os 15 professores responderam que sim, a participação da família contribui para uma boa formação dos alunos.

Diante dessa afirmativa os professores deixam transparecer um sentimento de frustração, pois ao mesmo tempo em que todos os 15 professores afirmam acreditar na participação da família para melhor desempenho dos alunos, 13 professores afirmam que os pais não participam da vida acadêmica de seus filhos, esse comportamento demonstra um descompasso entre o que o professor acredita e aquilo que é a prática na maioria das famílias.

Porém a resposta corrobora com ZAGURY (2006) que conclui, afirmando que o magistério é uma das profissões que mais acumulou funções nos últimos anos. Nas entrelinhas desses dados, podemos ler: a sociedade tem representado o professor como o substituto do lar, da babá, da creche (escola de educação infantil).

8.9 NA SUA PERCEPÇÃO, VOCÊ ACREDITA QUE OS PAIS OU RESPONSÁVEIS TRANSFEREM PARA O PROFESSOR A EDUCAÇÃO DE SEUS FILHOS?

Realizamos este questionamento para analisarmos como os pais estão se relacionando com a escola na visão dos professores? Até que ponto a família se propunha dividir a responsabilidade com a escola no processo de educar seus filhos? 14 dos 15 professores no qual aplicamos o questionário assinalaram que sim, os pais e/ou responsável têm transferido toda a responsabilidade de educar para os professores. Esta atitude demonstra que as famílias estão repassando aos professores uma responsabilidade muito maior àquelas designadas a sua profissão.

Essa afirmação dos professores corrobora com matéria que o G1 portal de notícias da rede globo postou, uma entrevista com alguns professores, aqui destaco a fala atribuída à professora Rossana Abbiati Spacek de 52 anos. “Os pais 'depositam' seus filhos nas escolas,

pagam por isso e exigem que as instituições assumam um papel que não é delas. Os pais modernos trabalham cada vez mais, tentando substituir o afeto com bens materiais. Há de se entender que devemos ser parceiros e não adotar sozinhos essa responsabilidade de educar, que é papel da família”. Esse relato da professora parece ecoar Brasil a fora.

8.10 QUAL A PERCEPÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS QUANTO À IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR NA FORMAÇÃO DOS SEUS FILHOS?

Ao serem analisadas as respostas deste questionamento, juntamente com a análise das outras questões até aqui apresentadas é possível realizar alguns apontamentos na direção de que algo tem que ser feito, vejamos: 08 professores apontam que os pais entendem que o professor é importante na formação de seus filhos, porém os pais não participam da vida escolar de seus filhos (segundo respostas anteriores).

Um total de 06 professores afirmam que para os pais tanto faz e 01 professor apontou que os pais não consideram importante à sua formação, em tese esses são os dois grupos que mais preocupam, pois ao mesmo tempo em que eles deixam toda responsabilidade da educação de seus filhos na mão dos professores eles não se interessam em saber que é formação desse profissional. Acreditamos que esse não é o cenário ideal para uma educação de qualidade, é necessário o envolvimento e o comprometimento de todas as partes para que haja uma aprendizagem satisfatória.

Percebemos aqui mais uma vez que a nossa pesquisa corrobora com a reportagem do G1 com professora Rossana Abbiati Spacek da cidade de Uberlândia que afirma que o pais “depositam” seus filhos na escola. Essa ótica é compartilhada por outra professora Mariana Barcelos de Freitas da mesma cidade. Para a professora Mariana “O ideal, segundo ela, é que a educação venha de casa e aos professores cabe reforçar esse ensino, mostrando aos alunos os “direitos e deveres” perante a escola e a família”.

8.11 VOCÊ JÁ SOFREU ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA?

Esse questionamento é o ponto nevrálgico de nossa pesquisa, esse é o nosso maior interesse, saber se o professor no exercício de sua função já sofreu violência. Ao coletar os resultados uma sensação de indignação e perplexidade, acreditamos que nenhum profissional deve sofrer violência no exercício de sua função, porém o professor tem a função de ajudar e

ensinar, não se espera que alguém com essa função venha sofrer violência, mas não foi esse o resultado que conseguimos, 11 professores afirmaram que já sofreram violência nas escolas e apenas 4 profissionais apontaram que não passaram por essa situação, nos parece que o resultado está invertido, a exceção virou regra e a regra virou exceção.

Como afirma MENDES E TORRES (2006), a violência principalmente nas escolas públicas faz parte do cotidiano, essa constatação das autoras é confirmada diante dos apontamentos feitos nos questionários, as mesmas autoras usam um termo que pode ajudar elucidar o que está acontecendo nas escolas é uma “alunocracia”, uma inversão de valores de hierarquia.

8.12 POR PARTE DE QUAL MEMBRO DA COMUNIDADE ESCOLAR FOI ESTA VIOLÊNCIA?

Aprofundando a nossa pesquisa realizamos um recorte ainda menor: perguntamos por parte de qual membro da comunidade escolar foi esta violência? Alunos, pais ou responsável ou outros? A violência não deve ser o artifício utilizado por ninguém para resolver qualquer problema, no caso professor ele tem dois beneficiados direto com o seu trabalho; o aluno que adquire conhecimento para o mercado de trabalho e o convívio com a sociedade e os pais e/ou responsáveis que veem o seu filho se tornar um cidadão. Diante dessa narrativa era de se esperar que se o professor sofreu violência não foi provocada pelos alunos quanto menos pelos pais e/ou responsáveis, porém o resultado real é bem diferente 08 professores afirmam ter sofrido violência através de alunos e 2 sofrido e 4 professores apontam que passaram por essa situação por outros membros escolares, esse resultado é superior aos 11 que afirmam ter sofrido violência por que alguns professores sofreram violência por mais de um membro envolvido com a comunidade escolar;

8.13 QUAL O TIPO DE VIOLÊNCIA SOFRIDA?

A principal violência sofrida pelos professores é aquela que não deixa marca aparente, não deixa sinal, portanto o exame de corpo de delito não é capaz de identificar, porém ela causa problemas como depressão, medo, insônia e outros mais, a violência psicológica foi relatada por 08 professores. Outra forma de atingir o professor e danificando ou surrupiando bens materiais dos professores, a violência material foi relatada por 04 vezes.

O que nos deixa mais perplexo é que conforme afirma MENDES E TORRES (2007) embora em nenhum outro momento histórico tenha se amparado tanto a democratização, em nenhum outro período nos deparamos com tantas atitudes de violências nas escolas. Esses discursos aparentam mero sofisma.

8.14 CASO VOCÊ TENHA SOFRIDO ALGUM TIPO DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA, A QUEM VOCÊ RECORREU?

Os professores indicaram que na maioria das vezes optam em não tornar uma estatística a violência sofrida nas escolas, do total 12 professores que relataram ter sofrido algum tipo de violência 6 disseram que não recorrem a qualquer instância administrativa seja a própria escola ou ao estado. Outros 06 professores mencionaram que buscaram solução perante instância que tem a priori a possibilidade de resolver esse tipo de problema enfrentado, 04 professores afirmam ter recorrido a gestão da própria escola e 02 professores recorrem a outras opções para buscar a resolução do problema.

8.15 A ESCOLA EM QUE VOCÊ ATUA POSSUI ALGUM TIPO DE MONITORAMENTO?

Os relatos de violência foram bastante elevados, possibilitando que diante das respostas sugerissem que não há nenhum tipo de monitoramento no estabelecimento de ensino e, portanto a violência impera por falta de uma vigilância mais eficaz, porém dos 15 professores entrevistados 14 apontaram que as escolas para qual lecionam tem em seu aparato de segurança monitoramento, acreditamos que isso explique porque a maioria dos relatos é de violência psicológica, tipo de violência que nem sempre é possível identificar por uma simples imagem.

8.16 VOCÊ CONHECE ALGUM COLEGA QUE JÁ SE AFASTOU DE SUAS ATIVIDADES EM VIRTUDE DE VIOLÊNCIA NA ESCOLA?

Quando levantamos pela manhã e saímos do conforto de nossas residências em direção ao nosso posto trabalho, acreditamos que seremos cobrados pela produtividade que o

nosso ofício exige. Quanto produtivo somos definirá, em tese, quanto teremos de sucesso no trabalho que exercemos talvez essa seja a realidade de muitos trabalhadores brasileiros, no entanto o professor enfrenta outra variável, a violência.

O professor precisa produzir cidadãos capazes de conviver em sociedade respeitando o meio ambiente, tendo atitudes éticas, respeitando as diferenças e ainda tendo um pensamento crítico para não ser um cidadão alienado, todas essas responsabilidades deveriam ser as únicas variáveis capazes de retirar o professor de seu ofício, porém a violência sofrida pelos professores em plena atividade de suas funções tem colaborado para o abandono da docência por alguns profissionais.

Entre os 15 professores entrevistados 10 diz conhecer algum professor que se afastou de suas atividades devido à violência. Os números são um alerta, acreditamos que nenhum profissional deveria ser “forçado” a abandonar seu posto de trabalho por qualquer imposição, essa decisão deveria ser de cunho pessoal de cada profissional sem nenhum tipo de pressão. O professor não trabalha com repressão, esse profissional busca através de seu trabalho transformar o homem em cidadão de fato e de direito, por tanto é inadmissível que esse profissional venha sofrer violência justamente de pessoas que se beneficiam com o seu trabalho.

8.17 A QUEM VOCÊ ATRIBUI À MÁ QUALIDADE DE ENSINO NAS ESCOLAS DE EDUCAÇÃO BÁSICA?

Os professores fizeram os seguintes apontamentos: 06 professores acreditam que os alunos são um dos elementos responsáveis pela má qualidade do ensino, outros 07 professores apontam que além dos alunos os pais também são responsáveis, 11 professores têm a convicção que o governo tem uma boa parcela de culpa nesse resultado negativo, 02 professores apontaram que o professor é um personagem que não pode ser esquecido quando o assunto for resultados negativos na educação brasileira, outros dois professores acreditam que a má formação dos profissionais da educação é também um ponto que tem ser colocado em destaque.

A maior convergência de opiniões é que o governo é culpado por esses resultados ruins. Esse mix de apontamento era de se esperar quando se trata de um assunto que interessa a todos de uma forma ou de outra.

A educação brasileira sofre críticas quanto a sua qualidade e não é de hoje, apontar para uma causa pontual não é fácil, a final a sociedade é composta com diferentes perfis de pais, alunos e professores. O nosso sistema de governo também é bastante complexo, as nossas leis nascem de um legislativo bastante heterogêneo e carregado de ideologias políticas que nem sempre estão alinhadas com a sociedade, diante desta complexidade era de se esperar que não houvesse um consenso entre os professores na hora de apontar um possível problema para má qualidade do ensino brasileiro.

8.18 VOCÊ ACREDITA QUE A NOSSA LEGISLAÇÃO CORROBORA PARA A VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS?

A sociedade brasileira é heterogênea composta por povos oriundos de diversas partes do planeta, essa diversidade étnica corrobora para que tenhamos em nosso território uma diversidade de religiões e costumes, somos também uma sociedade onde a pirâmide social tem uma base muito grande e um topo extremamente pequeno.

É de se imaginar que essa heterogeneidade de nossa sociedade faça com que tenhamos várias ideologias, por consequência essa sociedade enxerga de maneira diferente o papel do estado, por tanto a nossa legislação carrega uma grande rejeição de uma boa parte da sociedade, ZIEGER (2006) demonstra que o estatuto da criança e do adolescente (ECA) trouxe muitas conquistas, mas sua errônea interpretação tem nos jogado em uma avalanche de impunidade. Tudo isso reflete no posicionamento dos professores.

A maioria absoluta dos professores entrevistados apontou que a nossa legislação corrobora para a prática da violência nas escolas, do total de 15 professores 13 tem essa visão sob a nossa legislação. Não conseguimos apontar um único caminho para resolução desse problema, porém acreditamos que com certeza há a necessidade de mudanças, não é aceitável que o professor no exercício de seu ofício sofra violência seja de qual for à natureza. Segundo pesquisa da UNESCO entre 2000 e 2002 o desrespeito por parte dos alunos foi a segunda principal razão para não seguir a carreira de professor, no Rio Grande do Sul segundo CPERGS (Sindicato dos Professores em Educação do Rio Grande do Sul), 40% dos casos de licença saúde dos professores estaduais são por problemas psicológicos.

9 CONCLUSÃO

Que bom seria se as nossas escolas tivessem um pouco da escola de “Machado de Assis” aquela apresentada no Conto de Escola, não estou me referindo a sua estrutura física um sobradinho com grade de pau como fala o autor, mas quem sabe uma escola que enxergasse o professor como um mestre onde os alunos se levantam ao ver o professor entrar na sala de aula em respeito a sua pessoa e principalmente em respeito a sua profissão. Infelizmente essa narrativa está a cada dia se tornando apenas algo que faz parte do nosso imaginário, uma época que já se foi. A literatura atual aponta que as nossas escolas já não veem o professor como um mestre, um profissional que deve ser respeitado primeiro por ser cidadão e segundo por ser professor. O professor carrega a obrigação de formar novos profissionais, de suprir o mercado com mão de obra qualificada. Um profissional com tamanha importância é inimaginável pensar que alguém como suas percepções psicológicas e cognitivas sadias é capaz de cometer qualquer tipo de violência contra esse profissional, porém a escola é apenas um recorte da sociedade e como tal ao menos em tese está fragmentada em ideologias tal qual está fora dela. Ficou evidente diante dos dados apresentados que o professor não tem mais autoridade em sala de aula e que aos poucos “alunocracia” vem se tornando o braço mais forte, dentro de um sistema onde parece ter um vácuo de autoridade que vem sendo ocupado aos poucos pelos alunos. Diante disto me pergunto como seria escrito o Conto de Escola por Machado de Assis nos dias de hoje? Onde o aluno não respeita o professor e ainda tem a petulância a audácia de cometer violência contra esse profissional. Acredito que há uma necessidade latente de que algo seja feito para que o professor volte a ser uma autoridade de verdade em sala de aula, onde os alunos nem pensem na possibilidade de cometer alguma violência contra ele.

Diante de tudo que observamos fica bastante claro a necessidade para haver mudanças em nossa legislação, como vimos os professores culpam o governo pelo crescimento da violência dentro das escolas. É necessário, portanto que haja uma mudança no ECA, quando se tratar de violência contra o professor no exercício de suas funções o estatuto deveria ter um olhar diferenciado, é inadmissível que o professor viva em um ambiente com a sensação de

insegurança constante, uma mudança no ECA no sentido de proteger o professor se faz necessário com urgência.

10 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONAFÉ-SCHIMITT, J.-P. La mediation scolaire: une technique de gestion de la violence ou un processus educatif ? In : CHARLOT, B. ; ÉMIN, J. C. (Ed.). La violence à l'ècole: états des savoirs. Paris : Armand Colin, 1997.

ROCHÉ, S. Insecurités et libertés. Paris: Éditions du Seuil, 1994. _____. La société incivile. Paris: Éditions du Seuil, 1996.

VARELLA, Drauzio. DOENÇAS E SINTOMAS: SÍNDROME DE BURNOUT. 2016. Disponível em: <<https://drauziovarella.com.br/doencas-e-sintomas/sindrome-de-burnout/>>. Acesso em: 14 set. 2016;

VALADAREZ, Regina; PEDRAL, Sibelle. A construção da autoridade: porque as mães estão falhando e criando pequenos imperadores. Revista Cláudia, março de 2006;

SANTOS, Gilson Lizer dos; SAANTOS, Ricardo José Eiras dos; FRAGOSO, Fernanda Nunes; SANTOS, Roselane Teixeira dos. A violência invade as salas de aula: alunos e professores nas manchetes policiais, Texto digitado, julho de 2006;

ZIEGER, Lílian. Impunidade e violência. Jornal Zero Hora, 11/06/2006

BENICINI, Roberta. Memórias e sonhos de educadores. Revista Nova Escola, ano XX, n. 186, out./2005, p. 46-53;

ZAGURY, Tania. O professor precisa ser ouvido. Revista Nova Escola, ano XXI, n.192, maio./2006, p.20-22;

Mendes, T. M. S., & Torres, J. M. (2007). A vitimização de professores e a “alunocracia” na educação básica.

Minas Gerais (2007). Jadir Cirqueira de Souza. Ministério Público do Estado de Minas Gerais. REFÉM DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: COMO REAGIR? 2007. Disponível em: <<http://www.revistajustitia.com.br/artigos/1d04db.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2017

Abramovay, M. (2006). Cotidiano das escolas: entre violências. UNESCO-Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência ea Cultura.

MATOS, F. A. D. S. (2012). A violência contra professores: saberes e práticas.

“Formas de Violência”; Conselho Nacional de Justiça. Disponível em <<http://www.cnj.jus.br/programas-e-acoas/lei-maria-da-penha/formas-de-violencia>> Acesso em 15 de maio de 2016.

CAMARGO, Orson. "Violência no Brasil, outro olhar"; Brasil Escola. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/sociologia/violencia-no-brasil.htm>>. Acesso em 15 de maio de 2016.

“SP: quase metade dos professores já sofreu alguma agressão nas escolas”; Revista Veja. Disponível em < <http://veja.abril.com.br/noticia/educacao/sp-quase-metade-dos-docentes-ja-sofreu-violencia-escolar>> Acesso em 22 de maio de 2016.

“Professor agredido por estudante preparava seminário contra violência”; G1. Disponível em < <http://g1.globo.com/sao-paulo/sao-jose-do-rio-preto-aracatuba/noticia/2016/03/professor-agredido-por-estudante-preparava-seminario-contr-violencia.html>> acesso em 22 de maio de 2016

“Projeto impõe medidas para reduzir a violência contra professores”; Nortão Notícias. Disponível em < <http://www.nortao noticias.com.br/educacao/70767/Projeto-impoe-medidas-para-reduzir-a-violencia-contr-professores-/19>> acesso em 22 de maio de 2016

ANSER, M. A. C. I.; JOLY, M. C. R. A; VENDRAMINI, C. M. M. Avaliação do conceito de violência no ambiente escolar: visão do professor. Psicologia: teoria e prática, v. 5, n. 2, p. 67-81, 2003.

CHAGAS, Angela. Reportagem especial: Violência contra professores: Quando a tarefa de ensinar vira caso de polícia. 2013. APEOESP. Disponível em: <<http://www.apeoesp.org.br/publicacoes/observatorio-da-violencia/reportagem-especial-violencia-contr-professores/>>. Acesso em: 22 out. 2017.

VIZONI, Adriano. Maioria dos docentes do ensino médio não tem formação na área em que atua. 2014. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/noticias/2014/04/11/maioria-dos-docentes-do-medio-nao-tem-licenciatura-na-area-em-que-atua.htm#comentarios>>. Acesso em: 29 out. 2007

TARDIF, Maurice; TARDIF, Maucice. Saberes Docente e Formação Profissional. Petrópolis-Rj: Vozes Ltda, 2014. 328 p.

GUIMARÃES, Camila. O ensino Público no Brasil: Ruim, Desigual e Estagnado: Esse é o retrato do ensino das escolas públicas brasileiras, de acordo com o resultado da Prova Brasil, que avalia alunos da educação básica. 2015. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/ideias/noticia/2015/01/bo-ensino-publico-no-brasilb-ruim-desigual-e-estagnado.html>>. Acesso em: 29 out. 2017.

MACHADO, Marcela. Raio-x da educação: MT é 11º no ranking nacional; desafio é melhorar qualidade nos anos finais. 2011. Disponível em: <<http://www.rdnnews.com.br/raio-x-da-educacao/mt-e-11-no-ranking-nacional-desafio-e-melhorar-qualidade-nos-anos-finais/52375>>. Acesso em: 26 out. 2017.

CHARLOT, Bernard. A Violência na Escola: Como os sociólogos Franceses Abordam Essa Questão. Sociologia. Porto Alegre, p. 432-443. 08 Não é um mês valido! 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n8/n8a16>>. Acesso em: 29 out. 2017.

RESENDE, Fernanda. Professores falam da transferência da educação dos pais para a escola: No Dia dos Professores eles contam sobre a profissão em Uberlândia. Apesar de amar o

trabalho, educadores falam de desvalorização e violência.. 2013. G1. Disponível em: <<http://g1.globo.com/minas-gerais/triangulo-mineiro/noticia/2013/10/professores-falam-da-transferencia-da-educacao-dos-pais-para-escola.html>>. Acesso em: 29 out. 2017.

11 ANEXO

QUESTIONÁRIO

1. Qual a sua formação acadêmica?

2. Você já ministrou aula em outra área que diverge da sua formação acadêmica?

Sim. Qual área?_____ Não

3. A quanto tempo leciona na educação básica?

menos de 5 anos mais de 5 anos

4. Como você definiria a qualidade de ensino no Brasil atualmente?

Ruim regular Bom Ótimo

5. Como você definiria a qualidade de ensino no município de Sinop?

Ruim regular Bom Ótimo

6. Qual é o nível de aprendizagem dos seus alunos?

Ruim regular Bom Ótimo

7. Os seus alunos acreditam que a educação (ensino) é importante para sua formação?

Sim Não

8. Os pais ou responsáveis participam (ou colaboram) para formação dos alunos?

Sim Não

9. Você acredita que a participação da família contribui para formação do aluno?

Sim Não

10. Na sua percepção, você acredita que os pais ou responsáveis transferem para o professor a educação de seus filhos?

Sim Não

11. Qual a percepção dos pais ou responsáveis quanto à importância do professor na formação dos seus filhos?

importante não é importante tanto faz

12. Você já sofreu algum tipo de violência na escola?

Sim. Não

13. Por parte de qual membro da comunidade escolar foi esta violência?

alunos pais ou responsáveis outros

14. Qual o tipo de violência sofrida?

Física Psicológica Material

15. Caso você tenha sofrido algum tipo de violência na escola, a quem você recorreu?

Gestores da escola Gestores do estado não recorreu outros

16. A escola em que você atua possui algum tipo de monitoramento?

Sim Não

17. Você conhece algum colega que já se afastou de suas atividades em virtude de violência na escola?

Sim Não

18. A quem você atribui à má qualidade de ensino nas escolas de educação básica?

alunos pais ou responsáveis governo professores formação dos professores

19. Você acredita que a nossa legislação corrobora para a violência nas escolas?

Sim Não